

**Patrícia Secco e a literatura machadiana:
pressupostos freireanos e a contestação midiática**

*Patrícia Secco and the Machado's literature:
freirean assumptions and the media challenge*

Otávio Cezarini ÁVILA¹
Solange Rosa Carneiro LEÃO²

Resumo

Este artigo discute o episódio envolvendo a escritora Patrícia Engel Secco e seu projeto para facilitar a leitura de obras clássicas da literatura brasileira e a repercussão midiática que sua proposta gerou – principalmente pelo artigo de José Maria e Silva, *Discípula de Paulo Freire assassina Machado de Assis*, veiculado nas revistas Veja e Bula e no jornal Opção –, além da reação dos leitores desses diversos meios ao texto. O artigo pretende trazer conceitos de Paulo Freire e outros autores que tratam sobre a democratização do ato educativo, mantido por laços vinculativos e, por isso, comunicacionais.

Palavras-chave: Literatura. Paulo Freire. Democracia. Educação.

Abstract

This article discusses the episode involved the writer Patrícia Engel Secco and her project to facilitate the reading of Brazilian literature's classic works and the media impact it has generated its proposal – primarily by Jose Maria e Silva's article, *Discípula de Paulo Freire assassina Machado de Assis*, published in the magazines Veja and Bula and in the journal Opção –, besides the reaction of readers to the text of these various medias. The articles aims to brings Paulo Freire's concepts and others who talk about the democratization of the education act, held by binding ties and therefore communication's ties.

Keywords: Literature. Paulo Freire. Democracy. Education.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR E-mail: ota_cez@hotmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR. E-mail: sol_rc@yahoo.com.br

Introdução

A educação oferecida ao brasileiro há muito tem sido alvo de críticas, principalmente por conta de uma evidente incapacidade de a escola, mesmo com todo seu aparato, formar leitores conscientes de sua realidade. Basta se analisar os dados relacionados à leitura para se perceber uma grande defasagem educacional. O número recente de leitores nacionais, quando comparado ao de leitores estrangeiros, é crítico: em 2004, por exemplo, o índice de livros lidos por pessoa era de 1,8 ao ano, ao passo que nos EUA e França eram, respectivamente, 5 e 7 (AMORIM, 2004, p.14, in: SILVA, 2006, p.19).

Em 2011, de acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, divulgada em 2012, no jornal *O Globo*, esse número aumentou para 4, mas apenas 2,1 livros lidos até o fim³, ou seja, mesmo sete anos depois, ainda não conseguimos alcançar a média de 2004 desses países; e com um agravante, comparando-se com a pesquisa de 2007 feita pelo mesmo órgão, houve uma diminuição no número médio dos que se consideram leitores (55% para 50%) e também no número médio de livros lidos (2,7 para 1,85), o que se mostra um dado assustador e passível de debate.

De acordo com Karine Pansa, presidente da Câmara Brasileira do Livro, por meio “da educação e da leitura, é possível inverter diametralmente a classificação do Brasil em relação a outros países”, uma vez que, mesmo estando classificado “entre as dez maiores economias do mundo, figura entre os últimos quanto à educação e ao desenvolvimento humano”⁴.

No entanto, o Brasil ainda figura nos últimos lugares das pesquisas mais importantes sobre educação e leitura, de acordo com dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – Pisa⁵. Evidentemente, muitos fatores contribuem para esse quadro.

³ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/brasileiro-le-em-media-quatro-livros-por-ano-revela-pesquisa-4436899>>. Acesso em: 25/01/2014, às 18h17min.

⁴ Disponível em: <<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/RetratosDaLeituraNoBrasil3-2012.pdf>>. Acesso em: 29/06/2014, às 13h12min.

⁵ O Brasil ocupa as últimas colocações quando se avalia a leitura dos alunos. Ainda os dados mostram que houve um recuo nos números finais, saindo de 412 pontos em 2009 para 410 em 2012, muito distante dos 570 pontos obtidos pela China, ou mesmo dos 496 da média mundial.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, responsável pela organização da prova aplicada aos alunos, chamou a atenção para o fato de que o Brasil precisa “buscar formas mais eficazes para trabalhar com os alunos de baixo desempenho, a fim de estabelecer expectativas elevadas para todos”⁶. No entanto, como resolver um problema que se tornou endêmico, principalmente se levarmos em conta que parte do investimento nacional em educação tem sido direcionado à educação superior⁷, quando se pressupõe que os alunos já estão plenamente alfabetizados?

Tentando reverter esse quadro, debates acadêmicos são feitos, – não apenas em sala de aula, como também em eventos realizados para esse fim, como o Congresso de Leitura do Brasil, evento bienal internacional que já está em sua 19.^a edição – publicações diversas voltam-se para a temática, eventos locais são propostos, como os realizados em bibliotecas públicas, e até mesmo atividades inusitadas, como a Tuboteca, projeto que disponibiliza gratuitamente livros em estações-tubo de Curitiba, acessíveis a qualquer um que os queira ler.

Neste cenário, recentemente, um grande embate se formou nos meios midiáticos, movimentando o cenário literário-educacional brasileiro por conta de um projeto que pretendia facilitar a leitura de Machado de Assis e, assim, levá-lo àqueles que ainda não o conhecem.

A escritora Patrícia Engel Secco⁸, com financiamento público provindo de captação por meio da Lei Rouanet, anunciou a reescrita da obra machadiana *O alienista*, e da alencariana *A pata da gazela*, em um total de 600 mil exemplares a serem distribuídos gratuitamente a partir de junho pelo Instituto Brasil Leitor⁹. De acordo com

⁶ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/12/1380024-brasil-teve-grande-avanco-no-pisa-afirma-mercadante.shtml>>. Acesso em: 01/07/2014, às 18h57min.

⁷ Estudo divulgado pela OCDE. Veiculado pela BBC Brasil em 25/06/2013. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130625_educacao_brasil_ocde_mb_cc.shtml>. Acesso em: 01/07/2014, às 19h12min.

⁸ De acordo com o *site* Reciclick, desenvolvido pela autora em parceria com outra jornalista, “*Patrícia Secco* é escritora especializada em público infanto juvenil [*sic*], com mais de 250 títulos publicados. Responsável pelo projeto Ler é Fundamental de incentivo a [*sic*] leitura, distribuiu mais de 20 milhões de livros gratuitamente em parceria com inúmeras empresas e instituições. Sua atuação se estende à área das artes cênicas onde já produziu 8 peças que levaram mais de 200 mil crianças, também sem custo algum, ao teatro”. Disponível em: <<http://www.reciclick.com.br/sobre/>>. Acesso em: 28/05/2014, às 19h51min.

⁹ “O Instituto Brasil Leitor (IBL) é uma organização voltada para a criação e gestão de projetos de estímulo à leitura e à educação e ao restauro de patrimônio histórico”. Disponível em: <http://www.brasilleitor.org.br/www/novo/asp/noticiasDet_39.asp?sub=noticia>. Acesso em: 28/06/2014, às 15h41min.

a autora, seu projeto *Livro e leitura para todos* – que viabilizou a reescrita das obras em questão – “oferece o acesso gratuito de títulos da literatura clássica brasileira, facilitados” e foi desenvolvido com o intuito de “incentivar o hábito da leitura por meio de títulos de autores representativos na história da literatura, editados de maneira que a leitura seja fácil e prazerosa, inclusive para quem ainda não é leitor habitual”¹⁰.

Secco, em uma entrevista a Chico Felitti, publicada em 04/05/2014 na *Folha de S. Paulo*¹¹, explicou que sua intenção ao desenvolver esse projeto era substituir palavras difíceis por outras mais fáceis e simplificar construções longas, que, segundo ela, desmotivam os leitores. Ao se referir a Machado de Assis, a autora explica que a “ideia não é mudar o que ele disse, só tornar mais fácil”. Ou seja, a escritora se propôs a reescrever a obra original, transcrevendo para a linguagem atual palavras e expressões complexas ao leitor iniciante, ou ainda períodos extensos e de difícil compreensão que poderiam, em última instância, afugentar esse leitor não tão paciente com a narrativa machadiana. E para exemplificar quem seria esse leitor hipotético, em entrevista concedida em 09/05/2014 a Maria Fernanda Rodrigues, de *O Estado de S. Paulo*, a autora assim o descreve:

Falei com o gari, com o menino do lava-rápido, com o manobrista do restaurante. Ninguém sabe quem é Machado de Assis. É para eles que estou fazendo esse projeto. Vejo mães discutindo, mas não é para o filho delas. É para a faxineira delas – não é nem para o filho da faxineira que está na escola; é para ela. Quero o livro na casa dos mais simples. [...] É muito triste pensar que algumas pessoas acham que Machado de Assis, o mestre da literatura brasileira, não pode ser lido pelo Sr. José, eletricista do bairro do Espinheiro, que, apesar de gostar de ler, não cursou mais que o primário, ou pelo Cristiano, faxineiro de uma farmácia da Boa Viagem, que não sabe nem mesmo o significado da palavra boticário.¹²

O que se depreende dessa fala é que a autora tinha em mente, ao iniciar o projeto, pessoas sem acesso à leitura e sem conhecimento da literatura nacional clássica ou mesmo possibilidade imediata de contato com a mesma. Por conta disso, seria interessante questionar qual o perfil do público-leitor de Secco. De acordo com as

¹⁰ Disponível em: <<http://www.reciclick.com.br/2014/03/projeto-livro-e-leitura-para-todos-o-alienista/>>. Acesso em: 28/05/2014, às 19h57min.

¹¹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/cidadona/2014/05/1445858-escritora-muda-obra-de-machado-de-assis-para-facilitar-a-leitura.shtml>>. Acesso em: 28/05/2014, às 20h03min.

¹² Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,patricia-engel-secco-defende-projeto-de-facilitar-obra-de-machado-de-assis,1164221>>. Acesso em: 07/06/2014, às 16h26min.

declarações da própria escritora, seriam aquelas pessoas que não concluíram o ensino fundamental, pessoas sem acesso à leitura, de classe baixa (com empregos braçais: gari, manobrista, eletricista, faxineiro), pessoas que não conhecem Machado de Assis, pessoas com pouco domínio vocabular.

No entanto, o que era para ser apenas mais um trabalho editorial, como tantos outros que circulam no país, tornou-se o estopim de uma celeuma amplamente veiculada nos meios midiáticos. Muitos vieram a público para opinar sobre o ocorrido. Frases de impacto, como: “É vender gato por lebre, uma coisa grosseira”¹³, cuja autoria é reputada a Alcides Villaça, professor de Literatura Brasileira da USP, ou “Quando junho vier, antes de outubro chegar, milhões de leitores serão enganados por um falso Machado de Assis”¹⁴, de autoria do escritor Deonísio da Silva, mostram o modo como os ânimos ficaram acirrados no momento de pôr no papel a opinião formada.

Chateada com a repercussão negativa que sua intenção gerou, a autora se defendeu, em entrevista ao *GloboNews*:

A ideia do projeto não é facilitar os textos, mas facilitar o acesso à leitura. Fiz uma transposição da linguagem da época para a linguagem atual. Fiquei muito chateada com as reações, porque o projeto só visa levar Machado a quem não conhece. Não é fazer com que ele deixe de ser Machado, fazer grandes modificações. É para que o leitor não fique parado ou derrapando.¹⁵

Evidentemente, Secco estava se referindo ao fato de que muitos não continuam uma leitura por conta da dificuldade inicial com as palavras. No entanto, nem mesmo com essa defesa a autora conseguiu conquistar a simpatia do universo acadêmico para seu intento.

Após a veiculação da entrevista inicial com a escritora, vários posicionamentos vieram a público, muitos deles atribuindo a Secco um poder que, *a priori*, ela não possui: “destruir” o processo educacional e “desvirtuar” a formação de leitores com sua adaptação de Machado de Assis. De críticas ao fato de não ser mais possível apreciar uma boa literatura, à derrocada da cultura nacional, passando pelo emburrecimento da

¹³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/05/versao-simplificada-de-livro-de-machado-de-assis-gera-polemica.html>>. Acesso em: 28/05/2014, às 20h23min.

¹⁴ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/machado-de-itarare-barao-de-assis-de-deonisis-da-silva/>>. Acesso em: 28/05/2014, às 20h49min.

¹⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/05/versao-simplificada-de-livro-de-machado-de-assis-gera-polemica.html>>. Acesso em: 28/05/2014, às 23h04min.

nação e chegando à crítica a Paulo Freire, os meios midiáticos foram palco do desabafo de muitos – famosos ou não – e da rejeição da escritora por conta de sua escolha.

1 Críticas a Paulo Freire e as reações contrárias na internet

O jornalista José Maria e Silva, no artigo *Discípula de Paulo Freire assassina Machado de Assis*, publicado em três meios de comunicação, *Jornal Opção*¹⁶, *Revista Bula*¹⁷ e *Veja*¹⁸, criticou de maneira veemente a escritora.

Ao analisar a extensão do “estrago” que a adaptação de Secco faz na obra machadiana, o autor é duro na defesa do Bruxo do Cosme Velho e na condenação da autora, ao afirmar que ela “falseia Machado de Assis [e que, além] de lhe desfigurar o estilo, ela o emburrece”. Para ele, a questão da incompreensão das palavras por parte do leitor poderia ser resolvida oferecendo a este um dicionário e, caso não o tivesse, sempre poderia conversar com outras pessoas a respeito. Evidentemente, Silva parte do pressuposto de que as pessoas próximas ao leitor ideal de Secco sejam leitoras e/ou conhecedoras da narrativa machadiana e que possuam traquejo ao lidar com um dicionário e tempo (ou mesmo desejo) para pesquisar. Talvez por conta disso ele questione o conhecimento de mundo da autora, ao indagar: será que “Patrícia Secco acha que só existe vida inteligente em seu meio social e que nas classes pobres não há ninguém capaz de trocar ideias com um faxineiro interessado em literatura?”. Talvez caiba aqui um questionamento inverso: Será que é tão simples assim discutir Machado de Assis? Será que esses indivíduos capacitados a discutir Machado seriam maioria ou, em última instância, existiriam em um número que possibilitasse esses diálogos?

Silva conclui seu texto afirmando que iniciativas como a tomada pela autora “abastardam o povo brasileiro ao impedi-lo de conhecer o verdadeiro Machado de Assis”. Mais contundente, no entanto, é a crítica que ele faz a Paulo Freire, autor da obra *Pedagogia do oprimido*, à qual chama de marxismo de autoajuda:

¹⁶ Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/reportagens/discipula-de-paulo-freire-assassina-machado-de-assis-4399/>>. Acesso em: 12/06/2014, às 21h41min.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.revistabula.com/2649-discipula-de-paulo-freire-assassina-machado-de-assis/>>. Acesso em: 28/05/2014, às 18h44min.

¹⁸ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/o-esplendido-artigo-do-jornalista-jose-maria-e-silva-e-leitura-obrigatoria-discipula-de-paulo-freire-assassina-machado-de-assis/>>. Acesso em: 21/06/2014, às 08h33min.

Com sua adaptação de “O Alienista”, a escritora-empresária Patrícia Secco destrói a universalidade da literatura de Machado de Assis com a pequenez ideológica da pedagogia de Paulo Freire. Foi o criador da “Pedagogia do Oprimido”, uma espécie de marxismo de autoajuda, quem consagrou a tese pedagógica de que o aprendizado é um epifenômeno das circunstâncias materiais e é somente a partir delas que se pode alfabetizar uma criança e despertar-lhe a consciência (...) Paulo Freire também arranca as palavras burguesas da cartilha do trabalhador, determinando a alfabetização a partir das tais “palavras geradoras”, como “tijolo”. É o que chamo de pedagogia análoga à escravidão — o filho do lavrador deve ter os olhos presos ao chão e está proibido de ouvir estrelas.

Quanto aos comentários de leitores, o texto de José Maria e Silva, por sua crítica ferrenha a Paulo Freire gerou muitos comentários dos leitores. Os da *Revista Bula*, por exemplo, não perdoaram a crítica feita a Paulo Freire sendo que 11 dos 44 comentários computados até 20/06/2014 foram referentes ao educador: seis criticavam diretamente Silva por sua incompreensão da obra freireana.

2 Por onde vão os caminhos de Freire

Quando se discute educação popular, Paulo Freire, um dos maiores educadores brasileiros, é um nome tido como referência. O recifense nascido em 1921, na época, em uma das regiões mais pobres do país, conheceu as dificuldades de sobrevivência das classes populares. Mais tarde, já na função de professor, trabalhou com grupos engajados em novas experiências educacionais tanto em zonas rurais quanto em urbanas.

A metodologia educacional por ele desenvolvida, voltada à alfabetização de adultos das classes operárias, foi muito utilizada no Brasil em campanhas de alfabetização e, por isso, acusaram-no de subverter a ordem instituída, o que o fez ser preso após o Golpe Militar de 1964, principalmente por entender a educação como um processo de humanização e libertação, e por tentar formar, por meio do ensino, uma consciência crítica nos alfabetizandos. Convidado a deixar o país, foi no exílio que escreveu sua principal obra: *Pedagogia do oprimido*.

Freire trabalhou pela educação nos cinco continentes, principalmente na Austrália, na Nicarágua, em Guiné-Bissau, em São Tomé e Príncipe e em Angola, tendo

seu trabalho reconhecido mundialmente.¹⁹ Na obra *Pedagogia do Oprimido* (1970), gestada no Chile, Freire discute o papel da educação enquanto formadora de consciência crítica dentro da perspectiva da libertação da opressão, que seria o objetivo de uma sociedade sem opressores e oprimidos.

Ao discutir a relação opressor-oprimido, o autor afirma que a educação serve aos opressores, funcionando como ferramenta de dominação, uma vez que os oprimidos, ao se entenderem sem conhecimento, não se colocam na condição de homens. Para o autor, os oprimidos só conseguiriam se libertar quando pudessem refletir conscientemente sobre a própria condição – que seria sua humanização – e, por meio desse processo libertador, tornar-se-iam mediadores do processo, transformando, também, os opressores em seres humanizados. Esse olhar de consciência em Freire tem origem na sua visão da natureza humana, por meio da qual defende que o homem tem vocação de ser sujeito.

Sua concepção de existência recai sobre a realidade do homem em ter poder de diálogo, que, para Freire, é a principal característica da comunicação. Só é possível se comunicar por meio do diálogo, pois sem essa relação entre sujeitos o ato de conhecer o mundo não existiria e seria impossível haver humanidade. Com relação ao conhecimento, para o autor, este não é transmitido, mas criado junto – entre sujeitos que se relacionam – e sempre como um ato engajado. A explicação do engajamento se dá na concepção de que a palavra do diálogo necessita estar relacionada à ação-reflexão desses indivíduos que se relacionam, ou seja, a autenticidade do pensamento, do diálogo e da comunicação se dariam nessa relação dialética entre o sujeito e a realidade concreta, a fim de evitar a educação bancária” (LIMA, 1981).

Na visão “bancária” da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Isso se difere sobremaneira do debate trazido neste artigo, pois a ideia bancária de educação nega a cultura do oprimido, ao passo que Secco buscou alternativas dentro dos signos populares para aproximar a literatura machadiana das classes populares. O inverso seria a absolutização da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância,

¹⁹ Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/institucional/fundadores/paulo-freire>>. Acesso em: 02/07/2014, às 11h52min.

mantém-se em posições fixas, invariáveis. A rigidez dessas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. (FREIRE, 2011b, p. 81).

Considerando esta polaridade que Freire reconhece entre o opressor e o oprimido, instrumentalizado pela educação formal na visão “bancária”, o educador-revolucionário Paulo Freire não reconhece a possibilidade de um diálogo entre partes antagônicas, pois a ação-reflexão não seria a mesma. Sendo assim, sua prática vai sempre pela via do que ele chama de “palavra verdadeira”, ou seja, falar sobre o mundo de acordo com a realidade daquele que ainda é oprimido.

Para chegar a isto, Freire utiliza como estratégia educacional a aproximação da realidade oprimida como fonte de saber. Inclusive com alunos de outras classes sociais, seu exercício buscava um diálogo, que só seria possível se essa classe compreendesse o outro e se assumisse na mesma luta. Assim, por exemplo, a metodologia utilizada em Guiné-Bissau era proporcionar aos alunos do Liceu, de modo livre, um estágio no campo, entre estudante e trabalhadores rurais para que se aprimorasse o contato e a compreensão do outro por meio da experiência.

Venício Lima (1989) ressalta a importância de Paulo Freire para os estudos de comunicação e aborda a relação entre o campo comunicacional e a cultura. Um dos elementos que Lima destaca na abordagem cultural freireana são as condições existenciais de dominação e considera a criação da cultura como um processo permanente de libertação. E se a práxis, que, para Freire, orienta a crítica, já é libertação, esta seria inversa à cultura do silêncio, da dominação e, conseqüentemente, da desumanização (LIMA, 1989).

Se o fim da filosofia de Freire é chegar a uma revolução na sociedade com a exclusão da dicotomia entre oprimidos e opressores, Martín-Barbero, dentro de uma perspectiva cultural latino-americana, não deixa claro em seu pensamento essa finalidade macrossocial, mas observa nas relações culturais traços das contradições sociais.

Sem tencionar esse campo das finalidades do pensamento de cada um deles, observa-se em Martín-Barbero uma imersão do popular na cultura hegemônica e não um rompimento entre as duas, como afirma Freire. Contudo, é interessante observar que essa imersão também se dá por meio de uma nova forma de ler o mundo, que se aproxima da realidade vivida e populariza a cultura.

Da mesma forma da crítica a Secco, Martín-Barbero (2013) acentua a crítica à “impureza” dada a uma obra, a qual aconteceu de maneiras aproximadas na história da literatura. O autor, ao resgatar, na obra *Dos Meios às Mediações*, a passagem do popular ao massivo, ressalta o nível de criticidade que as classes altas tinham com as novas formas de produção dos textos escritos, do teatro e da iconografia.

Sobre uma família de livreiros-editores na França do século XVII:

(...) o editor utiliza os trabalhadores da gráfica como mediadores para selecionar as tradições orais e adaptar textos que vêm da tradição culta. Mas a organização ‘industrial’ não para por aí. Junto à organização da edição, encontramos uma rede *colporteurs*, de bufarinheiros, ou vendedores ambulantes, que de feira em feira percorrem os campos e as pequenas vilas distribuindo os folhetos (...) (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 152).

Completa-se o exame acrescentando na análise do circuito o dispositivo de recepção, que é a leitura oral daquele que lê para os outros, que se unem ao seu redor. Essa cultura oral transforma o ler em escutar e faz da leitura um ponto de partida para o reconhecimento e a colocação em marcha da memória coletiva. (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 154).

Essa cultura oral, que deu ao povo acesso aos conteúdos até então privilegiados da nobreza, pode ser relacionada com a estratégia de Secco para uma aproximação da obra em questão, que abarca elementos históricos, de identidade e de memória. E, assim como no presente, essa maneira de reconhecimento do povo em relação à sua própria memória incidiu também em retaliações, como foi o caso do teatro na rua, em que, em pleno século XVII, não era permitido o diálogo falado nas peças para não causar alvoroço no povo. Tratando do melodrama, Martín-Barbero (2013) comenta que, sendo escrito aos que não sabem ler, o melodrama ridicularizava a nobreza. É um “espetáculo total”, por meio do qual o povo já podia se olhar de corpo inteiro. (p. 164).

Dessa maneira e, a partir dessa visão, não estaria essa estratégia atrelada a uma questão de piedade, como o próprio Freire credita à “educação bancária”, uma forma de educar que não reconhece o conhecimento vivido do educando, mas, ao contrário, o desafio seria a reescrita com base na decodificação da obra partindo da realidade popular. No entanto, essa pergunta poderia cair no senso comum: “Mas não seria essa decodificação uma maneira de compactuar da ideia de que não há conhecimento no

educando?”. A resposta sobre a releitura de Machado de Assis, todavia, está atrelada à concepção de diálogo, que é a forma elementar do ato comunicativo de que trata Paulo Freire. O diálogo, apenas dito pela “palavra verdadeira”, da alçada daqueles que nunca escutaram o nome de um dos grandes nomes da literatura brasileira, que é componente da ação-reflexão, da práxis. Esta prática atrelada à reflexão do cotidiano, a qual chamamos práxis, está atrelada à criação de uma cultura popular, expressa aqui por uma nova forma de escrever a literatura brasileira. Esta radicalização com o que expressa a ordem e a “alta cultura” é credível de se chamar de ato libertador, como Lima (1989) mesmo ressalta acima.

Esta forma educativa apresenta uma reflexão política-ideológica, o que demarca também a disputa para além do campo da literatura. A crítica contra Freire e seu “marxismo de autoajuda” reincide no trabalho de Patrícia Secco como uma reação também política. É importante demarcar neste contexto que há sempre um embate político, mediado por interesses, que são constitutivos das relações humanas.

Compreender Paulo Freire e a comunicação dialógica através da “palavra verdadeira” é conhecer também que há nesta perspectiva um forte amparo político-ideológico de desconstrução de valores hegemônicos pela cultura.

Considerações finais

Por mais que quase meio século nos separem do lançamento de *Pedagogia do oprimido*, parece que as concepções freireanas ainda não foram assimiladas por todos, e se foram, a essa obra não foi dada a importância que as discussões trazidas em suas páginas merecem.

Foi possível observar, nos textos veiculados, que ainda existe um grande preconceito com relação às concepções do autor, ainda que leitores tenham vindo a público para defendê-lo. Mais importante, ao tentar aplicar, mesmo que não o afirme explicitamente, conceitos freireanos em seu projeto de levar literatura a todos, Patrícia Secco encontrou a resistência comumente verificada no que Freire denomina de classe dominante, que, por justamente deter o poder de “autenticar” o que é considerado canônico, não compreende o projeto da escritora.

Secco entende que há leitores com níveis tão elementares de leitura que uma obra machadiana não seria tão facilmente assimilada por estes. Assim, ao propor uma reescrita da obra, ela estava tentando, por meio de outro ferramental, alcançar esse público que não vai a uma livraria, que não acessa dicionários, que não tem tempo para discussões literárias.

Evidentemente, sua atitude gerou brados exaltados. De um lado opressores repudiando seu projeto, de outro, defensores dos oprimidos trazendo sua voz à luz. Ainda que toda essa movimentação tenha vida curta e não vá trazer resultados positivos a longo prazo, a celeuma serviu para mostrar que ainda há vozes que se levantam contra a opressão, ainda há aqueles que compreendem o discurso freireano e a importância de sua veiculação, mesmo quase cinquenta anos depois das palavras do educador.

Referências

- ALENCASTRO, Catarina. Brasileiro lê, em média, quatro livros por ano, revela pesquisa. **O Globo**, 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/brasileiro-le-em-media-quatro-livros-por-ano-revela-pesquisa-4436899>>. Acesso em: 25/01/2014, às 18h17min.
- AZEVEDO, José André de. Fundamentos filosóficos da pedagogia de Paulo Freire. **Akrópolis**, v. 18, n. 1, p. 37-47, jan./mar. 2010. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/3115/2209>>. Acesso em: 13/07/2014, às 16h12min.
- BIZZOTTO, Márcia. Investimento do Brasil em educação sobe e alcança média da OCDE. **BBC Brasil**, 2013. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130625_educacao_brasil_ocde_mb_cc.shtml>. Acesso em: 01/07/2014, às 21h15min.
- FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. Imprensa Oficial – Governo do estado de São Paulo. Instituto Pró-livro. Disponível em: <<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/RetratosDaLeituraNoBrasil3-2012.pdf>>. Acesso em: 29/06/2014, às 13h12min.
- FELITTI, Chico. Escritora muda obra de Machado de Assis para facilitar a leitura. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/cidadona/2014/05/1445858-escritora-muda-obra-de-machado-de-assis-para-facilitar-a-leitura.shtml>>. Acesso em: 28/05/2014, às 20h03min.
- FOREQUE, Flávia. Brasil teve ‘grande avanço’ no Pisa, afirma Mercadante. **Folha de S. Paulo**, 2013. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/12/1380024-brasil-teve-grande-avanco-no-pisa-afirma-mercadante.shtml>>. Acesso em: 01/07/2014, às 18h46min.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

LIMA, Venício. **Comunicação e Cultura**: as ideias de Paulo Freire. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: Comunicação Cultural e Hegemonia. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Patrícia Engel Secco defende projeto de ‘facilitar’ obra de Machado de Assis. **O Estado de S. Paulo**, 2014. Disponível em:

<<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,patricia-engel-secco-defende-projeto-de-facilitar-obra-de-machado-de-assis,1164221>>. Acesso em: 08/06/2014, às 09h07min.

SILVA, Fernando Moreno da. Cultura e mercado: o best-seller em questão.

INTERthesis, v. 3, n. 2. Florianópolis, jul./dez. 2006, p. 1-21. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/795/10835>>. Acesso em: 19/1/2014.

SILVA, José Maria e. Discípula de Paulo Freire assassina Machado de Assis. **Jornal Opção**. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/reportagens/discipula-de-paulo-freire-assassina-machado-de-assis-4399/>>. Acesso em: 12/06/2014, às 21h41min.

_____. Discípula de Paulo Freire assassina Machado de Assis. **Revista Bula**. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/2649-discipula-de-paulo-freire-assassina-machado-de-assis/>>. Acesso em: 28/05/2014, às 18h44min.

_____. Discípula de Paulo Freire assassina Machado de Assis. Blog do Augusto Nunes. **Revista Veja**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/o-esplendido-artigo-do-jornalista-jose-maria-e-silva-e-leitura-obrigatoria-discipula-de-paulo-freire-assassina-machado-de-assis/>>. Acesso em: 21/06/2014, às 08h33min.

SILVA, Deonísio da. Machado de Itararé, Barão de Assis. **O Globo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/opiniao/machado-de-itarare-barao-de-assis-12415052>>. Acesso em: 28/05/2014, às 20h49min.

_____. Machado de Itararé, Barão de Assis. **Veja**, Coluna do Augusto Nunes, 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/machado-de-itarare-barao-de-assis-de-deonizio-da-silva/>>. Acesso em: 28/05/2014, às 20h49min.

Sites

<<http://www.reciclick.com.br/2014/03/projeto-livro-e-leitura-para-todos-o-alienista/>>

<[HTTP://www.brasilleitor.org.br](http://www.brasilleitor.org.br)>

<<http://www.paulofreire.org>>

<<http://www.projetomemoria.art.br>>